

Sentenças existenciais e preenchimento de sujeito: indícios de mudança em progresso na fala culta carioca

Juanito Avelar & Dinah Callou

Abstract

The occurrence of the generic pronoun *você* in Brazilian Portuguese existential sentences will be analyzed as an innovation related with general properties of subject position. We explore the difference between semantic subjects and grammatical subjects, taking into account that in Brazilian Portuguese, grammatical subjects don't need to be argumental. The generic *você* in existential clauses will be characterized as a grammatical subject that don't receive a thematic role of the verb. It is suggested that the increase in the frequency of existential constructions with the generic *você* is a result of changes affecting the conditions for the presence of verbs in sentence-initial position.

Keywords: Brazilian Portuguese, change and variation, existential clauses, generic pronoun, subjects

1. Introdução

O emprego de *ter* como verbo impessoal tem sido apontado como uma das propriedades mais proeminentes do português brasileiro (PB) em contraste com o português europeu (PE). Um dos fatos associados a essa propriedade é a gradual substituição de *haver* por *ter* em sentenças existenciais, processo que é registrado em documentos produzidos no Brasil já no século XIX (Callou & Avelar 2003). Em trabalhos anteriores, Avelar (2009a,b) e Callou & Avelar (2002, 2007) sugerem que a emergência de *ter* como o verbo canônico das construções existenciais pode ter sido desencadeada por mudanças no paradigma flexional e, por extensão, nas condições para licenciamento de sujeito nulo: visto que o PB se afastou do comportamento tipicamente *pro-drop* do PE, sujeitos nulos deixaram de ser naturalmente interpretados como referenciais, tendendo a receber uma interpretação indefinida.

Entre as construções possessivas, um dos efeitos dessa mudança estaria na impossibilidade de associar um termo interpretado como possuidor a orações em que *ter* não apresenta um sujeito fonologicamente realizado. Sentenças como a exemplificada em (1), que não trazem sujeito explícito, tendem a ser interpretadas como existencial por falantes do PB, sendo facilmente parafraseadas por construções com *haver* (*Havia muito dinheiro dentro da bolsa*); no PE, a mesma construção é naturalmente interpretada como uma sentença possessiva com sujeito referencial nulo.

(1) *Tinha muito dinheiro dentro da bolsa.*

Um dos fatos que têm chamado a atenção entre as inovações com *ter* é a frequência cada vez maior de existenciais em que a posição de sujeito é preenchida pelo pronome *você*

com referência genérica (doravante, *voce^{gen}*). Essa ocorrência é exemplificada nos trechos reproduzidos em (2), extraídos de amostras de fala do projeto NURC-RJ (Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro – www.letras.ufrj.br/nurc-rj). Todas as orações sublinhadas são existenciais, parafraseáveis por orações impessoais com *haver* ou com o próprio verbo *ter* (Duarte 1997, Avelar 2009c).

- (2) a. *não sei definir a arquitetura da Tijuca, que aí confunde um pouco com o Rio Comprido. Rio Comprido de repente* *Cê* tinha, *Catumbi e, aí* *VOCÊ* tinha de repente uns sobrados, umas casas mais antigas né. *A Tijuca já tem bastante prédio, e assim a parte de altos, não sei, não consigo, diferenciar uma arquitetura, específica. Aliás, eu não vejo,* com exceção da Barra, né, que *VOCÊ* tem aqueles, em geral, prédios baixinhos (NURC-RJ, AC/90, Inq. 012, Faixa 1)
- b. em Kioto *VOCÊ* tem aquela confusão da rua, trânsito carro pra caramba, mas *VOCÊ* tem aqueles castelos de imperadores antigos, *não sei o quê* (NURC-RJ, AC/90, Inq. 012, Faixa 1)
- c. *tem cursos que* *VOCÊ* tem mais professor do que aluno. *Então* o curso de elétrica, por exemplo, *VOCÊ* tem 50 professores e o curso todo, todos os anos somados não tem 50 (NURC-RJ, AC/90, Inq. 001, Faixa 1)
- d. *Hoje o que acontece é que* *VOCÊ* tem o curso de Civil com pouca procura (NURC-RJ, AC/90, Inq. 001, Faixa 1)

Se a emergência de construções impessoais com *ter* resulta de alterações no parâmetro *pro-drop*, devemos nos perguntar o seguinte: sendo a ausência de sujeito explícito o fator que dificulta a interpretação possessiva das construções com *ter*, por que a realização de um pronome genérico em posição de sujeito produz a leitura existencial, quando o esperado seria exatamente o contrário? Além disso, como explicar o aumento na frequência de existenciais com *voce^{gen}* ?

Observando construções com *ter* na fala culta carioca, o objetivo deste trabalho é propor que a emergência de construções existenciais com a posição de sujeito preenchida por *voce^{gen}* é um processo de mudança em progresso radicado em propriedades da posição de sujeito no PB. Exploramos a ideia de que, no âmbito das sentenças com *ter*, a inovação do PB em relação ao PE não está na fixação de um valor existencial para o verbo possessivo, mas na possibilidade de as orações com esse verbo dispensarem um argumento externo e, mesmo assim, licenciarem um termo na posição de sujeito. Em outras palavras, as construções com *ter* do PB podem dispensar um “sujeito semântico” (que recebe papel temático do verbo), mas podem ocorrer com um “sujeito gramatical” (que, independentemente de receber papel temático do verbo, pode estabelecer concordância com ele).

Dentro desse quadro, a frequência cada vez maior de existenciais com *ter* em que a posição de sujeito é preenchida por *voce^{gen}* será analisada como uma tendência do PB a preencher a posição de sujeito com termos que não são argumentais. O aumento na frequência de construções como aquelas exemplificadas em (2) será analisado, dessa forma, como uma

inovação encaixada em um conjunto mais amplo de mudanças na gramática do PB, em contraste com o PE.

O artigo é dividido da seguinte forma: na seção 2, apresentamos os pressupostos teóricos do trabalho, destacando a oposição entre línguas canonicamente e parcialmente *pro-drop*; na seção 3, abordamos o estatuto da noção de existência aplicada ao debate sobre as mudanças experimentadas por *ter* na evolução do português; na seção 4, apresentamos resultados quantitativos obtidos em estudos prévios sobre as existenciais com *ter* na fala culta carioca, destacando a ocorrência de *você^{gen}*; nas seções 5 e 6, discutimos o encaixamento das mudanças relevantes em construções com *ter* e *haver*; na seção 7, tecemos considerações sobre o papel desempenhado pelas inovações gramaticais abordadas na acentuação do caráter pluricêntrico do português.

2. Pressupostos teóricos

As reflexões que nortearam este trabalho seguem a proposta de Tarallo & Kato (1989), que procuram conciliar a metodologia dos estudos variacionistas de base laboviana com pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros. Em linhas gerais, consideramos que variações paramétricas (em particular, aquelas resultantes de diferenças entre as gramáticas internalizadas por falantes de uma mesma língua ou de línguas historicamente próximas) podem ser estudadas com base nos mesmos dispositivos metodológicos aplicados ao estudo quantitativo e qualitativo de variações intra e/ou extralinguisticamente condicionadas, nos moldes propostos em trabalhos como os de Labov (1972).

Especificamente no que diz respeito à configuração oracional, adotaremos pressupostos da versão minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1995). Será relevante a oposição entre *línguas canonicamente pro-drop* e *línguas parcialmente pro-drop*, considerada nos seguintes termos: nas canonicamente *pro-drop*, sujeitos pronominais referenciais são preferencialmente nulos, enquanto sujeitos referencialmente indefinidos (de referência genérica ou arbitrária) precisam ser fonologicamente realizados; nas parcialmente *pro-drop*, sujeitos pronominais referenciais tendem a ser fonologicamente realizados, enquanto sujeitos pronominais indefinidos podem, mas não necessitam, ser nulos (ver, dentre outros, Holmberg, Nayadu & Sheehan (2009)).

No que concerne aos sujeitos referenciais, trabalhos como os de Duarte (1995, 1996) abordam quantitativa e qualitativamente a oposição entre PB e PE, mostrando que os padrões de realização de sujeitos pronominais definidos no PB se afastam do padrão *pro-drop*. O trecho reproduzido a seguir, extraído de inquérito com um falante de PB, ilustra esse contraste no uso do pronome de terceira pessoa, que é fonologicamente realizado em todas as posições nas quais o sujeito e o tópico do discurso (*essa minha tia*) são correferentes.

- (3) Essa minha tia *que mora aqui*, ela é solteirona e eu acho que ela é super-feliz, sabe? Eu não acho que ela seria feliz assim... Ela é uma pessoa que ajuda os outros pra caramba. Ela – isso é até um pouco de

defeito – ela pensa muito mais nos outros do que nela, né. Mais eu acho que ela é uma pessoa feliz e tal, que não tem nada... É que a vida não ficou a dever, entendeu, nada. Foi uma opção dela ficar solteira. Ela não ficou solteira porque não apareceu pretendente. Ela ficou solteira porque ela quis. (Trecho de fala apresentado em Duarte 1995: 46)

Quanto à realização de sujeitos indefinidos, o PB e o PE também exemplificam o contraste relevante: em oposição ao PE, em que a indefinição referencial do sujeito é gramaticalmente sinalizada pelo pronome *se* ou pela flexão verbal na terceira pessoa do plural, o PB apresenta construções em que sujeitos nulos associados a verbos na terceira pessoa do singular são referencialmente indefinidos, como nas orações sublinhadas em (4). Notemos, nesse mesmo trecho, uma ocorrência de *você^{gen}*, que é outra estratégia de indefinição referencial largamente empregada no PB.

(4) Falante A: *Me diz passo a passo como é que faz um feijão.*

Falante B: *É... escolhe ele, lava, deixa de molho, deixa uma hora de molho, aí depois – de um dia pra outro, né? – aí de manhã VOCÊ pega uma panela de pressão, um pouquinho d’água, um dente de <alho...>, [uma]... um louro, cebola e o feijão e água, carne seca... e deixa cozinhá.* (PEUL – Programa de Estudos do Uso da Língua (<http://www.letas.ufrj.br/peul>) – Amostra CENSO/2000, Falante 17, Feminino, 27 anos, Fundamental I, Natural do Rio de Janeiro).

Também iremos explorar a oposição entre *sujeito semântico* e *sujeito gramatical*, considerando a seguinte formalização: sujeito semântico é o constituinte que recebe papel temático como argumento externo do verbo (em termos minimalistas, na posição de *Spec-v*); sujeito gramatical é o constituinte que concorda com o verbo, podendo ou não coincidir com o sujeito semântico da oração (em termos minimalistas, *Spec-T/Infl* é a posição naturalmente destinada ao sujeito gramatical em línguas como o português).

Estudos como o de Galves (1998), Kato & Duarte (2003) e Duarte (2007), dentre outros, vêm apontando para o fato de que, em oposição ao PE, constituintes que não pertencem à grade temática do verbo (sujeitos semânticos e complementos) são largamente licenciados como sujeitos gramaticais em PB, possivelmente em função do estatuto de “proeminência de tópico” dessa variedade do português (Pontes 1987, Negrão 1999). As construções em (5), nas quais os elementos em concordância com o verbo não correspondem a um sujeito semântico, exemplificam essa propriedade.

- (5) a. Os carros *furaram o pneu.*
 b. As árvores *apodreceram a raiz.*
 d. Essas casas *batem muito sol.*

Nas seções que se seguem, a definição desses dois tipos de sujeito será explorada para discutir a questão a respeito do valor existencial demonstrado pelas orações com *você^{gen}*.

3. Sobre a noção de “existência”

O conceito de existência por trás da caracterização das construções impessoais com *ter* não é bem delineado. A rigor, não é apenas nas construções impessoais que *ter* assume um valor existencial. Nas variedades do português contemporâneo, orações em que *ter* trazem um sujeito e podem ser analisadas como possessivas também se prestam à expressão de existência (Avelar 2009c, Marins 2010), a depender da composição de sentido determinada pelos termos da sentença. Construções impessoais como aquela em (6a), por exemplo, podem ser parafraseadas por construções como aquela em (6b), em que a oração apresenta um sujeito gramatical: a diferença entre uma e outra é primordialmente sintática, com o sintagma preposicionado da primeira, tradicionalmente analisado como um adjunto adverbial, se tornando um sintagma nominal sujeito na segunda. Tanto o sentido de (a) quanto o de (b) requerem o pressuposto de que existem muitos peixes na lagoa, bem como o de que entre a lagoa e muitos peixes se estabelece uma relação possessiva do tipo *continente-conteúdo*.

- (6) a. *Há / Tem muitos peixes naquela lagoa.*
 b. *Aquela lagoa tem muitos peixes.*

Além disso, nem todos os verbos que podem ocorrer em sentenças analisadas como existenciais são, para a expressão de um mesmo estado de coisas, facilmente intercambiáveis. No PB, por exemplo, os verbos *haver* e *existir*, ao contrário de *ter*, não são licenciados em grande parte das sentenças ditas existenciais (Avelar 2006: 56-57). As construções em (7)-(8) a seguir são exemplos de orações que, para muitos falantes de PB, provocam estranhamento se realizadas com *haver* ou *existir*. Particularmente sobre *haver*, Callou & Avelar (2002) mostram que, na fala carioca, as ocorrências desse verbo estão quase categoricamente restritas a casos em que o verbo é flexionado no pretérito e o núcleo do seu argumento é um nome abstrato (*havia* a possibilidade) ou indicativo de evento (*houve* uma briga).

- (7) *Teve / *Houve / *Existiu muito docinho na festa que a Maria deu.*
- (8) COMPRANDO PÃO NA PADARIA:
 a. *Tem / *Há / *Existe pão?*
 b. *Tem / *Há / *Existe.*

A definição do que se entende por “existência” é, portanto, bastante difusa, pelo menos no que concerne às propriedades léxico-gramaticais das construções com *ter*. Considerar que um verbo passou a ser empregado como existencial ou que deixou de ser empregado como tal pouco nos diz a respeito da(s) configuração(ões) sintática(s) assumida(s) pelas orações com esse mesmo verbo. Pelo menos à primeira vista, o PB e o PE parecem não exibir diferenças significativas quanto aos valores que podem ser assumidos por *ter*, já que, tanto

no PE quanto no PB, parte das construções com *ter* pode ser parafraseada por construções com *haver* ou *existir*, e vice-versa. Tendo em vista os fatos que pretendemos abordar, o que nos interessa de imediato é a sintaxe dos padrões oracionais que servem à expressão de existência, e não os valores que podem ser atribuídos aos verbos que integram esses padrões.

Dessa forma, o que nos parece relevante para contrastar os fatos em PB e PE é a configuração sintática exibida pelas construções com *ter*: no PB, mas não no PE, esse verbo é largamente empregado em orações impessoais, dispensando a presença de um argumento em posição de sujeito. As questões referidas na introdução deste trabalho, relacionadas à ocorrência de *você^{gen}*, serão tratadas sem perder de vista esse contraste: por que as construções como as destacadas em (2) guardam o sentido existencial, em vez de serem interpretadas como possessivas? Como explicar o aumento na frequência dessas construções, considerando um conjunto mais amplo de mudanças por que passou (ou vem passando) o PB?

4. A variação *ter* ~ *haver* e o emprego de *você^{gen}*: resultados quantitativos

Nesta seção, retomamos alguns resultados apresentados em estudos anteriores sobre a variação *ter*~*haver* e a frequência de *você^{gen}* em construções existenciais na fala culta carioca. Esses resultados, previamente analisados em Callou & Avelar (2002, 2007), foram obtidos a partir da quantificação de dados levantados em inquéritos que compõem os *corpora* do projeto NURC-RJ, com informantes de nível superior nascidos na capital fluminense divididos em três faixas etárias (25 a 35 anos; 36 a 55 anos; 56 anos em diante). A amostra é composta de 1.528 construções existenciais (845 obtidas em entrevistas realizadas na década de 70, e 683, na década de 90), que foram processadas no pacote de programas do VARBRUL, visando a um tratamento estatístico e probabilístico.

Sobre a variação entre *ter* e *haver*, os números indicam uma mudança significativa na frequência desses itens, conforme ilustrado pela Figura 1 adiante: na década de 70, a frequência de uso dos dois verbos é praticamente a mesma (em torno de 65% e 35% para *ter* e *haver*, respectivamente) nas três faixas etárias consideradas; na década de 90, *ter* amplia sua frequência sobre *haver* em todas as faixas etárias, sendo realizado em 98% das orações existenciais produzidas por indivíduos entre 25 e 35 anos. Esses números evidenciam que, pelo menos na fala culta carioca, *ter* é o verbo canônico das construções existenciais impessoais.

Sobre a frequência de inserção de *você^{gen}*, os números também sugerem um processo de mudança. Na década de 70, o pronome era inserido em cerca de 2% das orações existenciais com *ter* produzidas por falantes das três faixas etárias; na década de 90, esses números pouco se alteraram para os falantes com mais de 36 anos, mas chega a 19% entre aqueles da primeira faixa etária, os mesmos que reduziram a frequência de *haver* para 2% das existenciais.

Diante desses números, devemos nos perguntar se é possível estabelecer alguma relação entre a supressão de orações existenciais com *haver* e o aumento na frequência de *você^{gen}* nas existenciais com *ter*. Retornaremos a essa questão nas seções que se seguem.

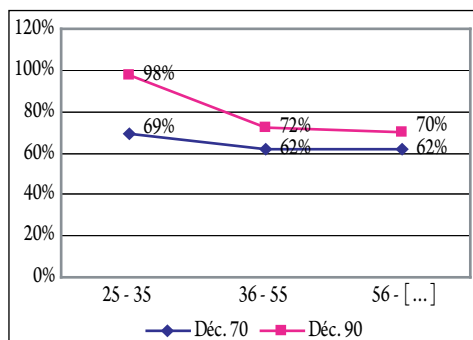


Figura 1. Frequência de *ter* (contra *haver*) na fala culta carioca em orações existenciais produzidas por indivíduos de três faixas etárias (décadas de 70 e 90) (Callou & Avelar 2002: 94)

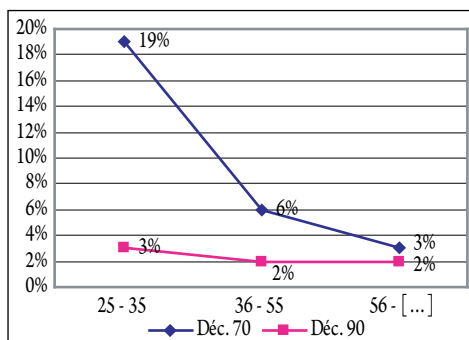


Figura 2. Frequência de construções existenciais possessivas (contra existenciais canônicas) na fala culta carioca entre indivíduos de três faixas etárias (décadas de 70 e 90) (Callou & Avelar 2002)

5. Sobre o encaixamento das mudanças

Num primeiro momento, a supressão das construções com *haver* e a emergência de existenciais com *ter* que trazem *você^{gen}* poderiam ser relacionadas da seguinte forma: tendo em vista a tendência ao preenchimento da posição de sujeito, condicionada por alterações no parâmetro *pro-drop*, os falantes de PB foram gradualmente eliminando as construções existenciais com *haver*, que não dispõem de posição sintática para realização de sujeito. O exemplo em (9) a seguir ilustra essa propriedade das construções com *haver*, em oposição às construções com *ter*.

(9) Você^{gen} *tem* / **há* praias belíssimas no nordeste brasileiro.

Não é simples, porém, embasar coerentemente essa proposta, seja de uma perspectiva empírica, seja de uma perspectiva formal. Para um embasamento empírico, a hipótese teria de ser validada pela identificação de outras variedades do PB que reproduzem o comportamento atestado na fala carioca, em que a eliminação quase categórica de *haver* é acompanhada de um aumento significativo de construções existenciais com *você^{gen}*. Sabemos, por exemplo, que o emprego de *ter* em lugar de *haver* é generalizado em variedades do PB (Leite & Callou 2002), mas ainda estão por ser feitos estudos mais sistemáticos voltados ao mapeamento de paralelismos e contrastes na alternância entre os dois verbos nessas variedades.

Para um embasamento formal à luz da oposição entre línguas *canonicamente* e *parcialmente pro-drop*, o elemento complicador reside em um dos aspectos que entram em jogo para determinar essa fixação tipológica: nas línguas *parcialmente pro-drop*, o preenchimento da posição de sujeito é um requerimento que atua na boa formação de orações com sujeito semântico referencial; como destacado na seção 3, tal requerimento não se aplica às construções com sujeito indefinido, que é a interpretação natural para o sujeito nulo nessas

línguas, nem àquelas com verbos que dispensam um sujeito semântico. Uma vez que as existenciais não apresentam sujeito semântico referencial, não é claro por que a supressão das construções com *haver* e o aumento na frequência das orações com *você^{gen}* devem estar relacionados a um requerimento que, em princípio, deveria afetar apenas as orações com sujeitos referencialmente definidos.

Uma saída que podemos explorar para estabelecer coerentemente relações entre a supressão de *haver* e a emergência de existenciais com *você^{gen}* está nos resultados de Kato & Duarte (2003) em torno de fatos que evidenciam o que vamos chamar de “condição anti-V1”, nos termos explicitados a seguir.

Analisando dados de fala, Kato & Duarte observam que falantes do PB tendem a evitar a ocorrência do verbo em primeira posição e inserem, em posição pré-verbal, tanto constituintes argumentais quanto não-argumentais. Os dados em (a) de (10)-(13), apresentados pelas autoras, ilustram essa condição.

- (10) a. *Isso não tem nem dúvida.*
 b. *Não tem nem dúvida sobre isso.*
- (11) a. *Eles ainda faltavam receber o dinheiro do patrão.*
 b. *Ainda faltava eles receberem o dinheiro do patrão.*
- (12) a. *O povo tá na hora de reagir.*
 b. *Tá na hora do povo reagir.*
- (13) a. *A televisão é horroroso quando eles estão fazendo programa.*
 b. *É horroroso quando eles estão fazendo programa na televisão.*

Observemos que as construções em (10a)-(13a) admitem uma versão em que o verbo aparece em primeira posição, com seu sujeito gramatical se convertendo num adjunto adverbial (10b), num complemento nominal (11b) ou no sujeito de outro verbo ((12b) e (13b)). Vemos, diante disso, que a violação à condição anti-V1 não afeta a gramaticalidade da sentença. Para Kato & Duarte, a condição não deve ser tratada como um requerimento do componente sintático, mas do componente fonológico, que impõe restrições para a realização do verbo em primeira posição no PB por razões que ainda precisam ser compreendidas. Por não ser um requerimento sintático, a desobediência à condição não resulta em sentenças gramaticalmente degradadas, daí a boa formação de construções em que o verbo ocorre em primeira posição, embora cada vez menos frequentes no PB.

Independente de essa proposta estar ou não correta, uma conclusão possível a partir desses dados é a de que, em contraste com o PE, a posição destinada ao sujeito gramatical vem sendo cada vez mais preenchida pelos falantes do PB. Para efetivar o preenchimento, os falantes podem recorrer tanto a constituintes argumentais (como complementos e sujeitos

semânticos) quanto não-argumentais. Em outras palavras, a inovação em relação ao PE refletida nesses dados está na tendência a inserir elementos argumentais ou não-argumentais na posição de sujeito gramatical, evitando a ocorrência do verbo em posição inicial absoluta. É importante observar que essa inovação afeta tanto as orações com sujeitos de referência definida quanto aquelas com sujeitos indefinidos ou que trazem um verbo que dispensa argumento externo.

À luz dessa ideia, a supressão das construções com *haver* no PB pode ser empiricamente embasada da seguinte forma: dada a condição anti-V1, e considerando a indisponibilidade de posição para realização de sujeito nas existenciais com *haver*, o esperado é que haja uma redução na frequência das orações com esse verbo, dado que a posição natural a ser preenchida para evitar que o verbo ocorra em primeira posição não se encontra disponível. As orações com *haver* ainda não são, no estágio atual do PB, gramaticalmente degradadas, mas tendem a provocar estranhamento quando realizadas em determinados contextos (ver seção 3.). Obviamente, são necessários estudos sistemáticos mais aprofundados para validar essa análise, mas trata-se de uma hipótese plausível, tendo em vista as propriedades do PB já referidas.

A supressão de *haver* e a emergência de construções existenciais com *você^{gen}* podem, assim, estar radicadas num mesmo processo: é possível que ambas as mudanças sejam um reflexo da condição anti-V1, o que só poderá ser confirmado em investigações futuras. Especificamente sobre as orações com *você^{gen}*, resta abordar a questão sobre o porquê de a inserção desse pronome não resultar em orações possessivas com sujeito (possuidor) indeterminado, mas em orações com valor existencial. Iremos nos ocupar deste tópico na próxima seção.

6. Orações existenciais com *você^{gen}*

Na seção 3., destacamos que o fato relevante a ser observado no âmbito das construções com *ter* não está na possibilidade de esse verbo assumir um valor existencial, mas no fato de ser licenciado em construções tipicamente impessoais na gramática de falantes do PB. Destacamos que a expressão de existência também é possível em orações que trazem um elemento na posição de sujeito, e que tal expressão pode facilmente se sobrepor à de posse, dando origem a construções que, da perspectiva semântico-pragmática, são tanto possessivas quanto existenciais.

Diante disso, as questões sobre as quais precisamos nos debruçar são duas: (a) por que a inserção de *você^{gen}* em sentenças com *ter* produz construções existenciais em lugar de construções possessivas e (b) como o aumento na frequência dessas sentenças se encaixa no conjunto mais amplo de mudanças do PB relativas à posição de sujeito. Como resposta à segunda questão, podemos, conforme destacado na seção anterior, relacionar a ampliação da frequência à condição anti-V1, que, no âmbito das construções existenciais, teria levado

não apenas à supressão das orações com *haver*, mas também à necessidade de preencher a posição de sujeito gramatical das existenciais.

Quanto à questão em (a), uma hipótese a ser testada está na ideia de *você^{gen}* não ser um argumento de *ter*: nas existenciais, esse pronome funciona como um sujeito gramatical que não interage tematicamente com o verbo. Se estiver correta, essa hipótese permite explicar por que a inserção do pronome não implica, naquelas construções em (2), uma leitura com possuidor referencialmente indefinido: como não é um sujeito semântico de *ter*, o pronome não recebe qualquer papel temático relacionado à interpretação possessiva atribuído pelo verbo, o que inviabiliza a expressão de posse.

Uma proposta similar é considerada em Avelar (2009c), com a análise de construções como (14). Tendo em vista a interpretação genérica do pronome, a interpretação natural para essa construção é a existencial, equivalente a *existem muitos castelos na Europa*.

(14) *Você^{gen} tem muitos castelos na Europa.*

É possível, contudo, que construções do mesmo tipo recebam uma interpretação possessiva se realizadas em contextos frasais como o apresentado em (15), em que uma oração condicional trazendo *você^{gen}* antecede outra ocorrência do mesmo pronome em um predicado nominal. A única interpretação disponível para o item é, nesse caso, a de um possuidor referencialmente indefinido, dado que a oração com *ter* receberá obrigatoriamente a interpretação possessiva. Essa construção recebe a seguinte leitura: *se uma pessoa possui muitos castelos na Europa, essa pessoa deve ser rica*. Nesse caso, *você^{gen}* é, na oração com *ter*, o sujeito semântico (pois recebe papel temático do verbo) e gramatical.

(15) *Se você^{gen} tem muitos castelos na Europa, você^{gen} deve ser rico.*

É interessante notar que, se à oração condicional com *ter* se segue um predicado que bloqueia a leitura possessiva, *você^{gen}* deixa de ser interpretado como possuidor, e a expressão passa a ser existencial. Esse é o caso da construção em (16) a seguir, em que a oração com *ter* pode ser parafraseada por uma com *haver*: *se há muitos castelos na Europa*. Nessa situação, *você^{gen}* pode ser eliminado sem prejuízos à estrutura da oração, que preservaria seu valor existencial, como vemos em (17). Assim, a diferença fundamental entre a possessiva em (15) e a existencial em (16) estaria no fato de que *você^{gen}* é, na primeira, tanto um sujeito semântico quanto um sujeito gramatical, enquanto na segunda, apenas um sujeito gramatical.

(16) *Se você^{gen} tem muitos castelos na Europa, é porque os europeus gostam de preservar sua história.*

(17) *Se tem muitos castelos na Europa, é porque os europeus gostam de preservar sua história.*

Em princípio, essa análise nos obrigaria a tratar *você^{gen}* como um expletivo, condição que o liberaria da obrigatoriedade de receber papel temático. Tal análise, contudo, seria

incoerente com a ideia de que o mesmo pronome preserva a interpretação genérica: sendo um item que serve à expressão de genericidade, *você^{gen}* precisa ser legível no componente semântico da gramática, ao contrário do que se esperaria de um autêntico expletivo. Para lidar formalmente com essa questão, Avelar (2009c) argumenta que, especificamente nas existenciais, *você^{gen}* recebe papel temático de um constituinte locativo, sendo, dessa forma, semanticamente licenciado.

As derivações representadas em (18) e (19) a seguir ilustram as duas situações possíveis para a interpretação de *você^{gen}*: na estrutura em (18), que corresponde ao caso em que *ter* é existencial (como em (15)), o pronome genérico é inserido no interior do constituinte locativo *na Europa*, onde recebe seu papel temático, e desse locus é movido para a posição de sujeito gramatical (Spec-T/Infl); na estrutura em (19), que corresponde ao caso em que *ter* é possessivo (como em (16)), o pronome é um sujeito semântico e, dessa forma, é inserido na posição de argumento externo de *ter* (Spec-*v/V*), e daí movido para a posição de sujeito gramatical.

(18) [_{T/InflP} você_i T/Infl [_{*v*/VP} ter muitos castelos] [_{LocP} t_i na Europa]]]

(19) [_{T/InflP} você_i T/Infl [_{*v*/VP} t_i [_{*v*} ter muitos castelos] [_{LocP} na Europa]]]

Se estiver correta, essa análise pode responder formalmente à questão sobre o porquê de a inserção de *você^{gen}* não desencadear, nas orações com *ter*, a interpretação obrigatória de posse indeterminada: uma vez que o pronome não é inserido na posição de argumento externo do verbo, o papel temático atrelado à interpretação de possuidor não lhe é atribuído e, em consequência, a leitura possessiva não é desencadeada. Para ver evidências em favor dessa análise, encaminhamos o leitor ao trabalho de Avelar (2009c).

7. Considerações finais

As propriedades demonstradas pelas construções com *ter* e *haver* vêm contribuindo para acentuar a dimensão pluricêntrica do português. Por se constituir em mudanças que ainda parecem estar em progresso, as inovações identificadas na sintaxe das construções existenciais produzidas por falantes do PB se prestam, nesse sentido, tanto a uma análise formal quanto a uma análise sócio-cognitiva dos fatores que entram em jogo na determinação do caráter pluricêntrico de uma língua. Embora este estudo tenha se circunscrito à análise formal, há indícios de que as inovações sintáticas em questão podem estar atreladas a propriedades sintáticas de base cognitiva, expressas universalmente. De um modo que ainda não nos é claro, os elementos gramaticais que singularizam essas expressões em cada língua (por exemplo, o preenchimento ou não da posição de sujeito) devem ser sensíveis a aspectos mais gerais radicadas na faculdade humana da linguagem. Esses aspectos devem

interagir com particularidades paramétricas (por exemplo, o caráter *pro-drop*) e produzir contrastes significativos no plano das construções possessivas e existenciais quando duas línguas ou variedades de uma mesma língua não apresentam gramáticas convergentes, como o PB e o PE.

O embate entre verbos possessivos e existenciais para alargar seus domínios de ocorrência não é exclusivo de variedades do PB: as construções com *ter* e *haver* têm contribuído para demarcar estágios e variedades da “língua portuguesa” desde o período medieval (Mattos e Silva 1989, 1997). Se puder, em estudos futuros, ser confirmada como uma mudança em progresso, a emergência de orações existenciais com *você^{gen}* será apenas o resultado de mais um episódio na disputa entre os dois verbos (nesse caso, favorável a *ter*), exibindo efeitos cujo estudo poderá contribuir para uma melhor compreensão das expressões de posse e existência na constituição das línguas naturais.

Referências

- Avelar, Juanito (2006). De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de “haver” no português brasileiro. *Letras de Hoje* 143: 49-74.
- Avelar, Juanito (2009a). On the emergence of “ter” as an existential verb in Brazilian Portuguese. In: Paola Crisma & Giuseppe Longobardi (eds.), *Historical Syntax and Linguistic Theory*. Oxford: OUP, 158-175.
- Avelar, Juanito (2009b). The comitative-copular basis of possessive-existential constructions in Brazilian Portuguese. In: Jairo Nunes (ed.), *Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 139-160.
- Avelar, Juanito (2009c). On the status of the (supposed) expletive in Brazilian Portuguese existential clauses. In: Danièle Tork & Leo Wetzels (eds.), *Romance Language and Linguistic Theory 2006*. Amsterdam: John Benjamins, 17-32.
- Callou, Dinah & Juanito Avelar (2003). Estruturas com “ter” e “haver” em anúncios do século XIX. In: Tania Alkmim (ed.), *Para a História do Português Brasileiro*. São Paulo: Humanitas, 46-67.
- Callou, Dinah & Juanito Avelar (2007). Sobre a emergência do verbo possessivo em contextos existenciais no português brasileiro. In: Ataliba T. de Castilho, M. Aparecida Torres Morais, Sonia L. Cyrino & Ruth E. V. Lopes (eds.), *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. Campinas: FAPESP, Pontes, 375-402.
- Chomsky, Noam (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- Duarte, M. Eugênia (1995). *A Perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/UNICAMP.
- Duarte, M. Eugênia (1996). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: Ian Roberts & Mary Kato (eds.), *Português Brasileiro – Uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 107-128.
- Duarte, M. Eugênia (2007). Sobre outros frutos de um projeto herético: o sujeito expletivo e as construções de alçamento. In: Ataliba T. de Castilho, M. Aparecida Torres Morais, Sonia L. Cyrino & Ruth E. V. Lopes (eds.), *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. Campinas: FAPESP, Pontes, 35-48.
- Galves, Charlotte (1998). Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Caderno de Estudos Linguísticos* 34: 7-21.

- Holmberg, Anders, Aarti Nayadu & Michelle Sheehan (2009). Three partial null subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. *Studia Linguistica* 63(1): 59-97.
- Kato, Mary & M. Eugênia Duarte (2003). Semantic and phonological constraints on the distribution of null subjects in Brazilian Portuguese. Comunicação apresentada no NWAV32, realizado na Universidade da Pensilvânia, em outubro de 2003.
- Labov, William (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Leite, Yonne & Dinah Callou (2002). *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Marins, Juliana (2010). TER, HAVER e EXISTIR: a representação do sujeito pronominal em construções existenciais numa perspectiva diacrônica. Projeto de Doutorado – Texto de qualificação. FL/UFRJ.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia (1989). *Estruturas Trecentistas*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia (1997). Observações sobre a variação no uso dos verbos ser, estar, haver, ter no galego-português ducentista. *Estudos Linguísticos e Literários* 19: 253-285.
- Negrão, Esmeralda (1999). Português Brasileiro: uma língua voltada para o discurso. Tese de Livre-Docência. FFLCH/USP.
- Pontes, Eunice (1987). *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Pontes.
- Tarallo, Fernando & Mary Kato (1989). Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intra linguística. *Predição* 6: 1-41.

